



A PESQUISA COMO CRIAÇÃO DE MUNDOS:

20 anos do PPGPSI/UFRGS na construção
da Psicologia Social

ORGANIZAÇÃO

Fernanda Amador, Simone Paulon, Vanessa Maurenente e Carolina dos Reis

A PESQUISA COMO CRIAÇÃO DE MUNDOS:

20 anos do PPGPSI/UFRGS na construção
da Psicologia Social

ORGANIZAÇÃO

Fernanda Amador, Simone Paulon,
Vanessa Maurenre e Carolina dos Reis



ABRAPSO EDITORA

Florianópolis - 2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

A pesquisa como criação de mundos [livro eletrônico] : 20 anos do PPGPSI/UFRGS na construção da psicologia social / organização Fernanda Amador...[et al.]. -- Florianópolis, SC : ABRAPSO Editora, 2023. PDF

Vários autores.
Outros organizadoras: Simone Paulon, Vanessa Maurenre, Carolina dos Reis.
Bibliografia.
ISBN 978-65-88473-23-8

1. Ensino superior (Pós-graduação) 2. Pesquisa científica 3. Psicologia social I. Amador, Fernanda. II. Paulon, Simone. III. Maurenre, Vanessa. IV. Reis, Carolina dos.

23-168143

CDD-302

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia social 302

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Projeto gráfico e design de capa: Arnaldo Bublitz
Arte da capa: Vento não se captura, é sentido.
por Zeca Amaral (ezequiel_candidoamaral@hotmail.com)

TANIA, SOPROS NOS MODOS DE FAZER PSICOLOGIA

Luís Arthur Costa

Tania Mara Galli Fonseca, nossa amiga e colega, psicóloga e professora, pesquisadora e extensionista, irrompeu no mundo em um dia quente de fevereiro do ano 1948, na cidade de Erechim, no norte do Rio Grande do Sul. Faleceu há poucos anos, no dia 12 de setembro de 2019, na cidade de Porto Alegre. Viveu intensamente 71 anos dedicados à formação de muitas gerações de psicólogos e psicólogas. Trabalhou com a alegria do pensar e compartilhou com muitos a paixão do aprender, sempre buscando transformações sociais. Seus estudos trouxeram importante contribuição para os campos da psicologia social, da psicologia do trabalho, da filosofia, da arte, da loucura e da memória.

Sua figura era marcante para todos que a conheceram. A presença esguia lhe dava ares de nuvem, seus passos leves e gestos sutis, acolhedores, não contrastavam com o faiscar dos seus olhos vivos. Como professora, ao adentrar a sala de aula, sua fala geralmente iniciava com uma voz trêmula, frágil e titubeante. Os estudantes acompanhavam sua associação de ideias na qual, muitas vezes, era difícil adivinhar um nexos. Suavemente, palavra por palavra, os movimentos do pensamento teciam seu próprio chão. O que parecia um passeio banal e gratuito, cheio de tropeços, tornava-se uma rigorosa aventura plena de ímpeto e ousadia. A senhora de gestos sutis não parecia mais aquela figura frágil do início. Os movimentos que pareciam sem rumo se revelam precisos; o corpo esguio e aparentemente frágil faz dançar como plumas os pesados conceitos diante de ouvintes atentos. A aula evidenciava-se performance e o gesto fazia-se pensamento em ato simultaneamente trágico e sutil.

Nessa constante dança com o limiar, Tania traçou sua trajetória acadêmica em uma sucessão de experimentações que abriam horizontes a novas paisagens a serem exploradas: filosofias dialéticas, feminismo, filosofias da diferença, trabalho, loucura, clínica e arte, são tantas as andanças de Tania que nos perdemos facilmente em seu labirinto sem muros nem fronteiras. “*Imagine que o céu é um abismo e a pele é o céu*” ela dizia, em uma das tantas imagens poéticas que nos faziam vertigem. Tania

sempre habitou a experiência limiar. O desafio de apresentar os movimentos de sua vida não é tarefa fácil, tanto pela importância e originalidade de seu trabalho como pela intensidade e vibração de seu pensamento. Em um manuscrito datado de 2004¹, Tania nos alerta:

Elaborar este Memorial relativo ao meu percurso profissional e acadêmico transforma-se em oportunidade para operar uma torção na tendência de construir uma história [...] erigida na suposição de um único começo, com vistas a dar alcance à pretensão de inventar uma identidade coerente e unificada. (Fonseca, 2004, p. 6)

Ao seguir os fios desse percurso, atentamos a seu alerta: ela ensina que os trajetos não têm uma única origem e tampouco um único destino, articulando forças com distintas temporalidades em tramas heterogêneas. São inúmeras as histórias que poderíamos contar sobre os inícios de Tania, assim como infinitivas são as narrativas da sua duração em nós. Uma multidão de vozes a compor uma nuvem sempre errante.

Tania fez-se psicóloga na PUCRS, em 1970. Durante seus anos de formação, sempre questionou avidamente a cumplicidade da psicologia brasileira à ditadura civil-militar, posto que forjava psicólogos como “tecnocratas do comportamento humano”. Tal inconformidade era um ato de desobediência diante das lógicas autoritárias e resultou na sua expulsão do curso de Psicologia. Tentaram silenciar sua voz. No entanto, Tania reverberou a voz de Maria Bethânia na canção *Carta de Amor*: “Sou como a haste fina, que qualquer brisa verga, nenhuma espada corta”: lutou contra a injusta expulsão e foi reintegrada e graduada pela mesma universidade.

No movimento de seu desejo de luta contra as injustiças, escolheu a Psicologia do Trabalho como área profissional, ao mesmo tempo que iniciou sua carreira como docente na UNISINOS, no recém-criado curso de Psicologia, onde trabalhou por quase 20 anos, desligando-se em 1989 para abraçar integralmente a docência na UFRGS. Durante esse transcurso temporal, também foi Presidente da Sociedade de Psicologia do RGS. Antes de aposentar-se como Professora Titular da UFRGS, em 2003, foi vice-diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas de 1992 a 1996, participou da criação do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional, em 1997, sendo sua primeira coordenadora e atuando como docente no Programa até seu falecimento.

A conjunção dos fazeres de psicóloga do trabalho e de professora universitária desdobrou-se na inserção no mestrado sob orientação de Juracy C. Marques e, posteriormente, no doutorado em Educação, sob orientação de Guacira Lopes

1 Fonseca, T. M. G., (2004). *Memorial de um itinerário subjetivo*. Manuscrito.

Louro, concluídos, respectivamente, em 1978 e 1996. Sua condição de mulher a produziu lutadora no enfrentamento do sexismo, da homofobia e do machismo. Em sua tese de doutoramento, “*Vozes e silêncios do feminino: de mulher à operária*” (1996), articula o campo da psicologia do trabalho à discussão feminista. A luta pela possibilidade de escuta contra o silenciamento imposto a tantas vozes em nosso país foi uma questão na qual Tania insistiu em seu trabalho, cartografando constantemente as operações de opressão e resistência nos processos de subjetivação. Assim, percorreu os modos de trabalhar, as questões de gênero, as clausuras da loucura e as potências das artes, em suas diferentes obras, desde “*Vozes e silêncios do feminino*” (1996) até “*Vidas do Fora: habitantes do silêncio*” (Fonseca & Costa, 2010). Em sua última obra, “*Imagens do Fora: um arquivo da loucura*”, nos deixou um texto de despedida, “*Túmulo e palavra: o ‘After Life’ para prolongar um último toque com a ponta dos dedos*” (Fonseca, 2018), no qual, ao escrever movida pela experiência da perda de seu amado, nos sacode com a intensidade de algumas de suas últimas palavras sobre a experiência do limiar:

‘*After life*’, o que dizer diante do tempo marcado pelo ‘tarde demais’? O que dizer depois da partida, da cerimônia do adeus e dos tropeços advindos dessa perda? Não poderia deixar de escrever sobre esse ‘*after life*’ impulsionado, agora, pelo ‘*nachleben*’, ou seja, por este impulso de fazer sobreviver àquilo que não temos mais em nossa vida presente. Tudo se passa no compasso de dois tempos: o de um ‘tarde demais’ e o do ‘por vir’. Enclausurados nas passagens dos instantes, já não decidimos voluntariamente o que nos acontece. Diante do morto e da perda que ele suscita, tornamo-nos naufragos à deriva do que os momentos nos reservam. Ondas grandes e pequenas nos balançam e desequilibram, nossos pés não atingem o fundo, suspensos ficamos nas águas do ir e vir das sensações sequenciais, em cada onda, em cada balanço, um novo rosto se descortina, nossa paisagem interior se transmuta na imediatez dos afetos que as águas dos momentos nos traduzem. Por isso, dizemos que nos tornamos naufragos. (Fonseca, 2018, p. 258)

A indissociabilidade entre modos de conhecer e de subjetivar também se colocava como norteamento ético de seus fazeres Psi, o que configurou uma espécie de militância profissional e acadêmica, erguida e sustentada pelo exame das práticas sociais e, dentre elas, as da própria ciência. Foi fundadora e coordenadora do Grupo de Trabalho denominado “Subjetividade, Conhecimento e Práticas Sociais” da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP). Tania, com seu estilo rizomático, articulou uma ampla e diversa rede de parcerias acadêmicas, da qual brotaram amizades com pesquisadores de múltiplas áreas do conhecimento e de diversas regiões do Brasil e do exterior. Em 2004, realizou um pós-doutoramento na Universidade de Lisboa/Portugal. Na ocasião,

foi conferencista nas Universidades de Lisboa, Braga e Coimbra. A voz de Tania se fez vento e ventania a polinizar novos mundos possíveis em diferentes chãos.

Coordenou pesquisas e intervenções onde a temática do trabalho, do tempo e dos modos de subjetivação articulavam novas problematizações, produzindo, a cada vez, desdobramentos singulares. Com o projeto “Modos de Trabalhar, Modos de Subjetivar no Contexto da Reforma Psiquiátrica” deu-se seu reencontro com o velho hospício e a nova ‘Oficina de Criatividade’ do Hospital Psiquiátrico São Pedro: do trabalho e do tempo tomaram força o corpo, a arte e a clínica. Em 2006, cria o projeto “Corpo, Arte e Clínica nos Modos de Trabalhar e Subjetivar” (Fonseca, 2006), que seguiria uma década com o mesmo nome e formato. No início dos anos 2000, surge o projeto do ‘Acervo da Oficina de Criatividade’, com o objetivo de fazer durar os testemunhos das vidas que passavam por aquele espaço, cujas marcas ficavam registradas em obras plásticas e literárias. A construção do Acervo foi um gesto clínico-político para dar visibilidade e proporcionar a escuta das vidas e experiências que por ali transitavam, originando dois projetos que se desenvolveram entre 2009 e 2019: “*Potência Clínica das Memórias da Loucura*” (-Fonseca, 2009) e “Arquivo e Testemunho de Vidas Infames: Restos que insistem”. Sua dedicação ao Acervo no HPSP para a constituição de uma memória e voz daqueles que foram atingidos pela violência manicomial segue até hoje através do programa de extensão da UFRGS, que leva seu nome em uma homenagem póstuma: ‘Núcleo Transdisciplinar Arte e Loucura Tania Mara Galli Fonseca’².

Em 2016, lançou-se em um projeto tão íntimo quanto transversal a todas as suas pesquisas anteriores e atuais: “*O Interminável Limiar da Experiência: o cotidiano a contrapelo*”. Pesquisa tanto pessoal como impessoal, que nos parece um esforço de sistematização conceitual da prática de toda uma vida e que permanece como seu principal legado na seguinte indagação: *como manter-se sempre na experiência limiar em sua intensidade e riqueza singulares a forçar novos possíveis?* A voz de Tania segue a ultrapassar silêncios, erguendo-se das letras impressas em seus textos a reverberar nas peles e revirá-las céus abismados em nuvens, que desconhecem fronteiras, mas chovem em nosso chão e fazem brotar novas flores a polinizarem outros jardins.

2 No canal do NuTAL no *youtube* encontramos um precioso baú de testemunhos dos encontros com Tania: <https://www.youtube.com/channel/UCcGfUelhFrCPQMKEVVm7JcA>

REFERÊNCIAS

Fonseca, T. M. G., (1996). *Vozes e silêncio do feminino: de mulher à operária* [Tese de Doutorado em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS].

Fonseca, T. M. G. (2006). *Corpo, Arte e Clínica nos Modos de Trabalhar e Subjetivar*. Projeto de Pesquisa. Propesq/Ufrgs.

Fonseca, T. M. G. (2009). *Potência Clínica das Memórias da Loucura*. Projeto de Pesquisa. Propesq/Ufrgs.

Fonseca, T. M. G. & Costa, L. B. (Orgs.). (2010). *Vidas do Fora - habitantes do silêncio*. Editora da UFRGS.

Fonseca, T. M. G., (2016). *O Interminável Limiar da Experiência: o cotidiano a contrapelo*. Projeto de Pesquisa aprovado pelo CNPq/ edital Produtividade em Pesquisa.

Fonseca, T. M. G. (2018). Túmulo e palavra: o 'After Life' para prolongar um último toque com a ponta dos dedos. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 25(2), 259-278.